

## Grupo II

**Nos parágrafos iniciais de *Uma História Verdídica*, Luciano de Samósata<sup>10</sup> faz uma breve apresentação da sua obra, prevendo a reação dos leitores.**

1 Assim como os atletas e, dum modo geral, os que se ocupam da preparação física, não cuidam exclusivamente da sua boa forma e dos exercícios, mas igualmente do repouso feito a tempo (o qual, aliás, consideram uma parte importantíssima do treino), assim também me convenço de que os intelectuais, após um longo período de leituras  
5 sérias, têm toda a vantagem em relaxar o espírito, tornando-o, desse modo, mais forte para o trabalho futuro.

Ora, o próprio repouso poderia até tornar-se-lhes agradável, se porventura se entregassem a um género de leitura que, além de proporcionar um entretenimento simples, como é o que resulta duma temática jocosa e divertida, suscitasse também  
10 alguns motivos de reflexão que não desconvem às musas – algo parecido, suponho, com o que porventura sentirão ao lerem esta minha obra.

E já que não tinha nada de verídico para narrar (na realidade, não me tinha sucedido nada digno de registo), virei-me para a mentira, mas numa coisa serei eu verdadeiro: ao confessar que minto. Desta forma, isto é, declarando que não digo nem uma ponta de  
15 verdade, creio ficar absolvido da acusação que porventura me façam. Escrevo, pois, sobre coisas que não testemunhei nem experimentei, e que não soube da boca doutrem; mais ainda: que não existem em absoluto e que, de qualquer forma, não são susceptíveis de ocorrer. Portanto, não deve o leitor dar o mínimo crédito às minhas histórias.

Ora bem: um dia, tendo partido das Colunas de Hércules<sup>11</sup>, apontei ao oceano  
20 ocidental, navegando com vento favorável. Causa e objetivo da viagem: a curiosidade intelectual, o desejo de experimentar novidades e a vontade de saber como é o fim do oceano e que espécie de homens habitam do lado de lá.

Eis que subitamente se formou um tufão, que fez o navio dar várias voltas e o elevou nos ares coisa de 300 estádios<sup>12</sup>, sem o deixar cair no mar, mas antes o vento, soprando  
25 as velas, enfunava o pano e assim fazia vogar o navio suspenso no ar.

Tendo navegado durante sete dias e outras tantas noites, ao oitavo dia avistámos no ar uma terra enorme, como que uma ilha, mas brilhante, esférica e completamente iluminada por uma luz muito forte. Aproximámo-nos, lançámos âncora e desembarcámos. Ao examinarmos a terra, descobrimos que era habitada e cultivada. Durante o dia, no  
30 entanto, nada avistámos dali, mas, quando chegou a noite, começaram a aparecer, por perto, muitas outras ilhas, umas maiores, outras mais pequenas, cor de fogo, bem como uma outra terra, por baixo de nós, com cidades, rios, mares, matas e montanhas, e que depreendemos tratar-se do planeta que habitamos.

Ora, tendo nós resolvido prosseguir um pouco mais adiante, fomos interceptados e  
35 detidos pelos Cavaleiros-Abutres. Estes Cavaleiros-Abutres são homens montados em abutres. E realmente, os abutres são enormes e, na sua maioria, tricéfalos. Por aqui se pode ter uma ideia do seu tamanho: têm cada pena mais comprida e mais grossa que o mastro dum grande navio de carga. Ora, a estes Cavaleiros-Abutres está confiada a missão de sobrevoar o País e, em caso de encontrarem algum estrangeiro, conduzi-lo à  
40 presença do rei. E, de facto, detiveram-nos e conduziram-nos a ele. O rei, por seu lado, contou-nos a sua própria história: como, sendo também ele um terrestre, de nome Endímion, fora uma vez, durante o sono, arrebatado do nosso planeta e, tendo aportado àquela terra, se tornou rei dela; que essa terra – dizia – era a Lua, que nós vemos lá de

---

<sup>10</sup> Nascido na região norte da Síria, Luciano de Samósata (125-190 d.C.) foi advogado, mestre de retórica e exerceu funções judiciais no Egito, onde provavelmente terá morrido. Das cerca de 80 obras que dele nos chegaram, *Uma História Verdídica* ficou célebre como a mais antiga referência literária a seres extraterrestres.

<sup>11</sup> Estreito de Gibraltar.

<sup>12</sup> Cerca de 53 Km.

baixo. Além disso, exortou-nos a que tivéssemos coragem e não teméssemos qualquer  
45 perigo, pois teríamos tudo de que precisássemos.

Vi ainda uma outra maravilha no palácio real: existe lá um enorme espelho numa  
cisterna não muito profunda. Descendo à cisterna, ouve-se tudo o que se diz entre nós, na  
Terra; e olhando pelo espelho, veem-se todas as nossas cidades e todos os povos, como  
se estivéssemos lá. Então eu próprio vi os meus familiares e toda a minha pátria; se eles  
50 me viram a mim, não posso afirmar com segurança. E quem não acreditar que isto é  
assim, se alguma vez lá for, ficará a saber que é verdade o que eu conto.

Luciano, *Uma História Verdica*, I, 1-2; 4-5; 9-11; 26

tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo, Coimbra: Imprensa da  
Universidade de Coimbra / Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da  
Universidade de Coimbra / Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis, 2012

(texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de **1 a 6**, selecione a opção correta, de acordo com o  
sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção  
correta.

### **1. Segundo o autor, os que lerem esta sua obra**

- a. entreter-se-ão simplesmente com uma temática jocosa e divertida.
- b. suscitarão os motivos de reflexão que não convêm às musas.
- c. encontrarão entretenimento e inspiração para a poesia.
- d. divertir-se-ão e terão ensejo para refletir.

### **2. O narrador promete**

- a. episódios verosímeis inspirados na sua experiência.
- b. episódios inverosímeis inspirados em histórias que ouviu contar.
- c. histórias inverosímeis que leu.
- d. histórias incríveis por si inventadas.

### **3. Na linha 26, “tendo navegado” significa**

- a. tendo percorrido o mar no seu batel.
- b. tendo atravessado o mar na sua frota.
- c. tendo percorrido os céus na sua nau.
- d. tendo velejado pelas águas do firmamento.